

# Aspectos discursivos da narrativa de um sujeito afásico fluente

(Discursive aspects in the narrative of a fluent aphasic subject)

Mirian Cazarotti Pacheco<sup>1</sup>, Rosana do Carmo Novaes Pinto<sup>2</sup>

<sup>1,2</sup>Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

cazarottimirian@ig.com.br; ronovaes@uol.com.br

**Abstract:** Narratives constitute a privileged *locus* for the analysis of the aphasia impacts on the subjects' language. This study points out to the linguistic characteristics present in the narratives of CS, a "fluent" aphasic subject. The analyses of dialogic episodes are oriented by the Microgenetic Methodology. The data indicate that the main difficulty of CS refers to the selection of linguistic elements, especially lexical, which results in the production of many pauses to initiate speech, and inevitably leads to a syntactic disorganization. In spite of difficulties, CS presents all the characteristics of narrative gender, which is always built in a dialogical way. We also noted that he uses his interlocutors' speech in order to build his own speech.

**Keywords:** Aphasia; fluency; narrative; Neurolinguistics.

**Resumo:** As narrativas se constituem como um lugar privilegiado para a análise dos impactos das afasias na linguagem dos sujeitos. Este estudo aponta para as características linguísticas presentes nas narrativas do sujeito afásico "fluente" CS. As análises dos episódios dialógicos são orientadas pela metodologia microgenética. Os dados indicam que a dificuldade principal de CS diz respeito à seleção dos elementos linguísticos, sobretudo lexical, o que o leva a produzir muitas pausas para iniciar os enunciados, o que inevitavelmente acarreta certa desorganização sintática. Apesar das dificuldades, CS apresenta todas as características próprias do gênero narrativo, sempre construído de forma dialógica. Também observamos que ele se utiliza da fala dos seus interlocutores como apoio para a produção da sua.

**Palavras-chave:** Afasia; fluência; narrativa; Neurolinguística.

## Introdução

A literatura neurolinguística tradicional focaliza prioritariamente o conhecimento metalinguístico no estudo das chamadas "patologias de linguagem", relegando a um segundo plano questões pragmáticas e discursivas que revelam tanto aspectos do funcionamento linguístico, quanto estratégias alternativas dos sujeitos para driblarem suas dificuldades.

A abordagem neurolinguística de orientação discursiva considera que a língua é o resultado da experiência e do trabalho dos falantes *com* e *sobre* a linguagem. Coudry (2002) explicita que essa abordagem tem seus alicerces na concepção sócio-histórica-cultural e nos postulados de Franchi (1992), que afirmam o caráter indeterminado dos processos de significação. A linguagem é concebida como *atividade constitutiva do sujeito* e como *trabalho*, resultante das operações dos sujeitos com/sobre o sistema da língua.

O sentimento de incompletude diante da linguagem e da língua é comum a todo sujeito, não só aos afásicos. Podemos reconhecê-lo, por exemplo, nas situações em que não encontramos uma determinada palavra ou expressão para dizer o que queremos. Luria (1986) refere-se à recorrência de alguns desses fenômenos como *tip-of-the tongue* (na ponta da língua). Nessas situações, os sujeitos lançam mão de recursos como auto-

correções e reformulações, resultantes de atividades epilinguísticas e que revelam o trabalho do sujeito sobre os recursos da língua. Para os afásicos, torna-se ainda mais difícil enfrentar dificuldades de seleção e de combinação (JAKOBSON, 1982), necessários para a produção dos enunciados.

Em acordo com os pressupostos de Benveniste (1966), Coudry (1988) destaca que a afasia não pode ser concebida apenas como um distúrbio de desorganização de uma linguagem interna, como defendida por alguns pesquisadores. Deve ser considerada também – e primordialmente – a desorganização de seu “uso efetivo, em situações concretas e em relação a determinados estados de fato” (FRANCHI, 1992). Em outras palavras, seria incongruente com nossa concepção de linguagem, desconsiderar no estudo das afasias os aspectos da *fala* ou do *desempenho*, relegados a um segundo plano pelas teorias estruturalista e gerativista, respectivamente.

Novaes-Pinto (1999) afirma que a exclusão da fala ou do desempenho, nos estudos das afasias, deve-se ao fato de que a grande maioria dos trabalhos visa a propor modelos para explicar apenas os aspectos fonológicos, sintáticos, léxico/semânticos, descartando a natureza dialógica da linguagem, bem como as variações individuais e socioculturais.

Além de explicitar a concepção de linguagem que orienta este estudo, julgamos ser fundamental discorrer, ainda que brevemente neste trabalho, sobre o conceito de *fluência*, que tem sido utilizado na literatura neuropsicológica para dissociar as afasias de produção, consideradas *não-fluentes* ou *disfluentes*, das afasias de compreensão, estas chamadas *fluentes*.<sup>1</sup>

Scarpa (1995), autora que tem frequentemente abordado o tema da *fluência* em seus estudos, afirma que essa noção remete a um *mito*, uma vez que a disfluência é constitutiva da fluência, ou seja, fluência e disfluência estariam na base dos mesmos processos dinâmicos de processamento da fala. Tanto uma como outra resultam das diversas relações do sujeito com a sua língua(gem).

A autora conclui, a partir das definições de Fillmore (1979 apud SCARPA, 1995), que a noção de *fluência* “[...] tem acepções radicalmente diversas, quer seja interpretada do ponto de vista da motricidade, quer do ponto de vista do fluir informativo do texto oral ou do desempenho no uso da linguagem (SCARPA, 1995, p. 167). Para ela, a fluência não pode ser definida por sua negativa, como sendo a ausência de disfluências, prolongamentos ou pausas, mas deve estar relacionada com todas as dimensões – sintática, semântica, prosódica, morfêmica – da fala de um sujeito.

Apoiada nos trabalhos de Lindblom (1995, apud SCARPA, 1995), a autora explicita que a dificuldade em falar rápido e acuradamente ao mesmo tempo pode ter explicação no fato de que tal relação de troca entre precisão articulatória e fluência deve-se a uma propriedade emergente da dinâmica auto-organizadora do processamento fonético.

A concepção de Lindblom poderia explicar, segundo Novaes-Pinto (1999), o motivo pelo qual tanto os sujeitos afásicos como os não-afásicos modulam sua fala, em

---

<sup>1</sup> As afasias de produção são também referidas como *afasia de Broca*, *afasia motora* ou *afasia anterior*. As afasias de compressão são referidas ainda como *afasia de Wernicke*, *afasia sensorial* e *afasia posterior*. Uma discussão crítica da semiologia das afasias pode ser encontrada em um artigo recente de Novaes-Pinto e Santana (2009), cujas referências completas encontram-se ao final deste trabalho.

resposta a fatores fisiológicos e emocionais,<sup>2</sup> diante de mudanças de estilo da fala (de rápido para vagaroso, de baixo para alto, de informal para formal, de íntimo para público, dentre outros).

Para Novaes-Pinto (1999), a proposta de Scarpa (1995) sobre a relação da fala articulada com a fluência torna-se muito interessante para compreendermos as dificuldades articulatórias dos afásicos com lesões anteriores e a “disfluência” de seus enunciados. A autora ressalta que a variação também deve ser explicada pelos aspectos individuais entre os sujeitos e num mesmo sujeito em situações diversas.

Sendo o tema deste trabalho relativo às produções narrativas de um sujeito afásico, o próximo tópico será dedicado à apresentação das principais características do gênero narrativo, que serão consideradas como parâmetros e fornecerão algumas categorias para a análise dos enunciados de CS.

## O Gênero Narrativo

Bakhtin (1997 [1929]) postula que a produção do *enunciado* – unidade real da comunicação<sup>3</sup> – resulta não só da utilização dos recursos da língua (lexicais, semânticos, sintáticos) pelo falante, mas também é orientada pela escolha do gênero discursivo. O autor enfatiza que são as experiências comunicativas reais que nos permitem selecionar adequadamente o gênero discursivo, considerando as particularidades do interlocutor e da situação interativa.<sup>4</sup> Em suas palavras:

Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso; em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência teórica. [...] Na conversa mais desenvolvida, moldamos nossa fala às formas precisas de gêneros, às vezes padronizados e estereotipados, às vezes mais maleáveis, mais plásticos e mais criativos. Esses gêneros do discurso nos são dados quase como nos é dada a língua materna, que dominamos com facilidade antes mesmo que lhe estudemos a gramática. (BAKHTIN, 1997, p. 301)

---

<sup>2</sup> Segundo Novaes-Pinto (1999, p. 227), “o mesmo tipo de processo pode ocorrer quando há dificuldades na seleção lexical ou na organização sintática dos enunciados. O processamento de certas construções sintáticas – relativas, causativas, passivas, dentre outras, demanda um maior ‘planejamento’ por parte do sujeito, seja ele afásico ou não, e pode envolver outras funções cognitivas para sua realização, como atenção e memória. Os estudos em aquisição da linguagem procuram explicar porque tais construções são adquiridas mais tardiamente pelas crianças. Muitas vezes nos surpreendemos ‘planejando’ o que e ‘como’ vamos falar, quando forçados a enfrentar situações mais formais.”

<sup>3</sup> Nas palavras de Bakhtin: “[...] todo enunciado - desde a breve réplica (monolexêmica) até o romance ou o tratado científico - comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa do outro). O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um mundo ‘dixi’, percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou”. (1997, p. 293).

<sup>4</sup> Os enunciados produzidos em uma atividade dialógica deverão ser diferentes, por exemplo, se se trata de um diálogo cotidiano ou da produção de um texto científico. Será também diferente se o interlocutor for uma criança pequena ou um adulto, dentre outras variáveis possíveis.

A noção de *gênero discursivo* tem se tornado cada vez mais produtiva nas análises dos fenômenos afasiológicos, pois, dependendo do tipo de afasia e da gravidade do quadro, os gêneros mais complexos são bastante impactados. Há sujeitos que praticamente reduzem suas produções verbais aos gêneros considerados por Bakhtin como *primários* (menos complexos), dentre os quais encontram-se o diálogo cotidiano.<sup>5</sup>

Bakhtin afirma que a composição do léxico e da estrutura gramatical da língua materna não é aprendida nos dicionários e nas gramáticas, mas mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos no momento da comunicação verbal viva, com os indivíduos que nos rodeiam. Os gêneros do discurso introduzem-se, ao mesmo tempo, em nossa experiência e em nossa consciência. Ele postula que “aprender a falar é aprender a estruturar enunciados” (BAKHTIN, 1997, p. 302), pois falamos por meio de enunciados e não por palavras ou orações isoladas. Nossa fala é organizada pelos gêneros discursivos, assim como pelas formas da língua (gramaticais – semântico/lexicais e sintáticas).

Vale ressaltar que Bakhtin não descarta a importância das formas estruturantes da língua, mas propõe um equilíbrio entre o valor das organizações lexicais e sintáticas e o fato de que tais unidades e regras são aprendidas na experiência com a própria língua.

Para tratar das características da narrativa, recorremos primeiramente à definição de Labov: “[...] um método de recapitular experiências passadas fazendo corresponder uma sequência verbal de cláusulas à sequência de eventos que efetivamente ocorreram” (1967, apud PERRONI, 1992, p. 19), ou seja, a narrativa propicia a construção do universo de referência do tempo em que as ações, os processos e os estados ocorreram.

Os critérios linguísticos de identificação de um texto narrativo, segundo Labov (1967, apud PERRONI, 1992) são: i) a existência de dependência temporal entre um evento *x* e outro *y*; ii) que as orações que expressam essa dependência temporal sejam constituídas essencialmente por verbos de ação e iii) que haja o emprego do tempo perfeito.

Após um estudo pioneiro, que analisa o desenvolvimento de narrativas em crianças, de acordo com uma investigação longitudinal, Perroni (1992) amplia o número de características propostas por Labov, acrescentando: iv) o relato do “inédito”, ou seja, de um evento singular que seja digno de ser narrado e v) o uso de operadores próprios do gênero narrativo, dentre os quais podemos citar “era uma vez” (para iniciar) ou “acabou a história” (para encerrá-la); “depois”, “e aí” ou “daí”, que ligam os eventos, com destaque para o uso de elementos prosódicos (prosódia, entoação, ritmo, velocidade de fala, qualidade da voz) que caracterizam o ato de narrar.

Dados obtidos em situações dialógicas com sujeitos afásicos permitem afirmar que um dos gêneros que mais resistem nas afasias é o gênero narrativo, embora certamente variem, de acordo com o grau de severidade dos casos. Dentre outras razões,

---

<sup>5</sup> Segundo Bakhtin, os gêneros se caracterizam em: primário, que diz respeito à linguagem das reuniões sociais, a linguagem familiar, cotidiana etc.; e secundário, próprio do romance, do teatro, do discurso científico, do discurso ideológico. Estes últimos “aparecem em circunstância de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica” (BAKHTIN, 1997, p. 281). Os gêneros primários, que se constituíram na comunicação verbal espontânea, são absorvidos e transmutados para a formação do gênero secundário (BAKHTIN, 1997). O diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal, na qual se torna mais evidente a alternância dos sujeitos falantes.

essas se constituem como um lugar privilegiado para a análise dos impactos das afasias na linguagem dos sujeitos.

### **Objetivo deste trabalho**

Este estudo visa a apontar para as características linguísticas presentes nas narrativas de um sujeito com a chamada “afasia fluente”, com destaque para a disfluência dos seus enunciados, marcados por pausas, dificuldades para encontrar palavras, uso de expressões cristalizadas e repetições. Tais aspectos são analisados não como *sintomas*, patológicos por natureza, mas como evidências de processos ativos na busca da significação, que revelam o trabalho do sujeito sobre os recursos da língua, bem como as soluções pragmáticas que ele utiliza para driblar suas dificuldades.

### **Aspectos metodológicos**

As análises são relativas aos dados de um episódio dialógico com o sujeito CS, do sexo masculino, 43 anos de idade, com ensino médio completo, que aos 37 anos submeteu-se a uma cirurgia para clipagem de tumor (craniotomia fronto-têmporo-parietal esquerda). Como sequela da cirurgia, CS apresenta uma afasia que pode ser caracterizada como *fluente*. Sua principal dificuldade é a de encontrar palavras, o que evidentemente o leva a produzir enunciados com muitas pausas e que, por sua vez, influencia a organização sintática. Nos termos de Jakobson (1970), a dificuldade na seleção lexical interfere nas possibilidades de combinação.

CS frequentou semanalmente o Centro de Convivência de Afásicos (CCA) no IEL/UNICAMP, durante dezoito meses, onde também recebeu atendimento fonoaudiológico. Episódios dialógicos referentes à sua produção narrativa foram videogravados, transcritos e analisados qualitativamente, por meio da metodologia microgenética (GÓES, 2000).

Para compreender as características da narrativa de CS e como a afasia alterou sua capacidade de narrar, seus enunciados foram analisados detalhadamente, sobretudo nos momentos em que recorre às pausas, repetições, ao uso de discurso direto, dentre outros recursos, que evidenciam processos epilinguísticos que o ajudam a reorganizar sua narrativa (GERALDI, 1997).

### **Análise microgenética de episódios dialógicos**

Vigotski (2003), principal representante da vertente histórico-cultural, trata das questões relacionadas ao método e afirma haver necessidade de se analisar os *processos* e não os *produtos*, baseando-se na gênese dinâmico-causal, isto é, numa análise explicativa e não descritiva, que revele as relações dinâmicas ou causais reais em contraponto à simples enumeração de características externas de um processo. Sua proposta inovadora suscitou transformações metodológicas em muitos trabalhos e vem ao encontro da escolha aqui realizada de observar e refletir sobre o funcionamento do discurso narrativo de sujeitos com a chamada afasia fluente.

Góes argumenta que a análise microgenética:

[...] não é micro porque se refere à curta duração dos eventos, mas sim por ser orientada para minúcias indiciais – daí resulta a necessidade de recortes num tempo que tende a ser restrito. É genética no sentido de ser histórica, por focalizar o movimento durante processos e relacionar condições passadas e presentes, tentando explorar aquilo que, no presente, está impregnado de projeção futura. É genética, como sociogenética, por buscar relacionar os eventos singulares com outros planos da cultura, das práticas sociais, dos discursos circulantes, das esferas institucionais. (2000, p.15)

Por assumir, neste trabalho, a concepção de linguagem como atividade interativa e constitutiva do sujeito e ainda que “os dados são os discursos” (ORLANDI, 1996 [1991], p. 109), fazemos a opção por uma análise qualitativa dos eventos dialógicos a fim de compreender as principais dificuldades de CS na construção de sua narrativa, não só apontando para os impactos de sua afasia no sistema linguístico, como as soluções criativas que dá aos impasses decorrentes dessas dificuldades.

### **Episódio dialógico com CS – Análise e discussões**

Apresentamos, a seguir, um episódio de CS, de 10/04/2007, ocorrido numa sessão realizada no CCA.<sup>6</sup> CS está em situação de entrevista inicial com duas fonoaudiólogas que irão acompanhá-lo em terapia individual. Após responder a algumas questões sobre seus dados pessoais, CS inicia espontaneamente o seguinte relato:

- (01) CS: Então... mas e como que eu não consigo falar nada di... eu num consigo (passa os dedos sobre as palavras de um jornal) //Indicativo de ler// falaar ÁGUA, qualquer coisa, eu não conseguia. Eu falava só isso aqui ó. Eu tava... Vamos dizer que cortou essa semana e # //discurso direto// :Vamo falá! Eu não conseguia falar, eu não conseguia falar nada.
- (02) F: Logo depois da cirurgia?
- (03) CS: É. Aí até seis meses eu não conseguia...
- (04) F: E daí, como você fazia?
- (05) CS: Eu conseguia falar assim ó, eu falava pra você (aponta para F) e... se eu falar ce-certo, eu falo tudo errado. Eu falo assim CACHORRO, o que que é cachorro? É “água”.
- (06) F2: Ah! Então você falava uma palavra, mas não era.
- (07) CS:[Eu sempre falava “cachorro”. Tá... na minha cabeça e aí eu falo éé “água”. Agora que eu sei, agora, vamo dizer, não agora...dois anos atrás, já tudo bem (gesto de tempo passado). Mas... antigamente... eu tinha que f-falar éé “água” e eu falava “cachorro”.
- (08) F: Trocava.
- (09) CS: Trocava.
- (10) F: [Na sua cabeça, cê sabia o que era, mas na hora de f...

---

<sup>6</sup> O CCA (Centro de Convivência de Afásicos) foi criado com o objetivo de buscar soluções para os sujeitos afásicos, diante do isolamento social que enfrentam muitas vezes. O acompanhamento é realizado em grupo, na convivência com sujeitos não-afásicos, em diversas situações e práticas discursivas nas quais se exploram todos os aspectos que constituem o funcionamento da linguagem em suas diferentes configurações, como nos diálogos, comentários, narrativas, leituras, etc. (MORATO, 2002). O projeto é resultado de uma ação conjunta entre os Departamentos de Linguística e de Neurologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com funcionamento no Instituto de Estudos Linguísticos (IEL).

- (11) CS: [Aí, aí eu falava assim, # então num dianta falar nada e me dá uma caneta! Chega pra mim e fala assim se tem... é não falava nada, né, “uma caneta”, né? (gesto de escrever no ar). Eu pegava aaa (repete o gesto na mesa)
- (12) F: Cê escrevia? Escrever...
- (13) CS: Alguma coisa eu já sei, então é “ÁGUA”. Então é fácil di. Que nem aqui (mostra o jornal), eu não consigo. De repente “água” tá aqui (aponta para o jornal), aí eu já coloco água, já e (gesto de escrever sobre a mesa) começo a falar certo, entendeu?
- (14) F: Hum, hum. Mas e agora? Agora você não tem mais essa dificuldade?
- (15) CS: Não. O problema ainda que eu tenho é
- (16) F: [É di...
- (17) CS: [Tipo assim, se pode, às vezes eu penso (mostra as palavras no jornal) que não vai...

Trata-se de um relato autobiográfico, que pertence ao gênero discursivo primário, conforme vimos acima. Iniciamos a análise desse episódio focalizando as características próprias do discurso narrativo (LABOV, 1967, apud PERRONI, 1992). Observa-se que, apesar de CS não utilizar, inicialmente, em seu relato, a conjugação do verbo no pretérito perfeito, ele passa a fazê-lo já na segunda linha do turno 01: “[...] *eu não conseguia. Eu falava só isso aqui ó. Eu tava ... [...]*” e prossegue desse modo na maioria de seus enunciados (exs: turnos 03 = “[...] *eu não conseguia...*”; 05: “*Eu conseguia falar assim ó, eu falava pra você [...]*”, entre outros). Outras características presentes são o uso de verbos de ação (turno 01 = “falar”, “cortou” e etc.) e a concatenação dos eventos, verificada, por exemplo, também no turno 01: “[...] *Vamos dizer que cortou essa semana e # :Vamo falá! Eu não conseguia falar, eu não conseguia falar nada*”.

O fato inédito aparece quando CS diz que após a cirurgia ele só conseguia dizer “cachorro” para qualquer coisa à qual quisesse se referir, como ele mesmo explicita no turno 05: “*Eu conseguia falar assim ó, eu falava pra você e... se eu falar ce-certo, eu falo tudo errado. Eu falo assim CACHORRO, o que que é cachorro? É “água”;* e no turno 07: “*Eu sempre falava “cachorro”. Tá... na minha cabeça e aí eu falo éé “água”. Agora que eu sei, agora, vamo dizer, não agora...dois anos atrás, já tudo bem (gesto de tempo passado). Mas... antigamente... eu tinha que f-falar éé “água” e eu falava “cachorro”.*”

CS usa também os elementos de ligação “aí”, “e aí” entre os eventos, como podemos ver, por exemplo, nos turnos 03: “*É. Aí até seis meses eu não conseguia...*” e 07, dentre outros. Ele conserva uma prosódia adequada ao gênero, especialmente o ritmo e a entonação. A entonação enfática foi grafada em letras maiúsculas na transcrição dos enunciados e estão presentes nos turnos: 01 = “*Então... mas e como que eu não consigo falar nada di... eu num consigo falaaar ÁGUA, qualquer coisa, eu não conseguia*”; 05 (apresentado acima) e no 13 = “*Alguma coisa eu já sei, então é ÁGUA [...]*”.

Podemos dizer que, apesar dos muitos momentos em que CS apresenta dificuldades na seleção lexical e dos muitos anacolutos<sup>7</sup> presentes nas construções gramaticais, a maioria dos enunciados que compõem o discurso de CS é *fluente* e há, de fato, uma narrativa sendo construída dialogicamente. Entretanto, para o propósito de

<sup>7</sup> Castilho (1998) refere que para Blanche-Benveniste (1987) os **anacolutos** seriam os elementos não sintaticizados que são frequentemente deixados para trás pelo locutor, os quais ela denominou *bribes*, ou “restos”.

compreender até que ponto a afasia alterou sua capacidade de narrar, é necessário propor uma análise mais detalhada, buscando inferir sobre os *processos* subjacentes, que possam evidenciar tanto o que foi impactado, como o que resulta das suas ações criativas sobre os recursos linguísticos que lhe restaram.

Segundo a definição de Geraldi (1997), as atividades epilinguísticas são as ações que se fazem sobre a linguagem, presentes nos processos interacionais e que tomam como seu objeto os próprios recursos expressivos. Tais operações se manifestam na linguagem narrativa de CS por meio das auto-correções e retomadas, presentes, por exemplo, no turno 01: “*Então... mas e como que eu não consigo falar nada di...*” [...] “*Eu tava... Vamos dizer que cortou essa semana e [...]*”. São também indícios desses processos as pausas (grafadas com reticências), como podemos ver no turno 01 que acabamos de exemplificar; os prolongamentos de vogais (grafadas com repetição contínua da vogal) nos turnos 01: “*Então... mas e como que eu não consigo falar nada di... eu num consigo falaaar ÁGUA, qualquer coisa, eu não conseguia [...]*” e 07: “*Eu sempre falava ‘cachorro’. Tá... na minha cabeça e aí eu falo éé ‘água’ [...]*”, entre outros; as repetições de parte do enunciado (como no turno 01: [...] “*Eu não conseguia falar, eu não conseguia falar nada.*”) ou de parte das palavras (como no turno 05: “[...] *se eu falar ce-certo, eu falo tudo errado [...]*” e no turno 07: “*(...) Mas... antigamente... eu tinha que f-falar éé ‘água’ e eu falava ‘cachorro’*”) que compõem os enunciados.

Verificamos que no turno 11: “[*Aí, aí eu falava assim, # então num dianta falar nada e me dá uma caneta. Chega pra mim e fala assim se tem... é não falava nada, né, uma caneta, né? (gesto de escrever no ar). Eu pegava aaa (repete o gesto na mesa)*”, que CS já havia usado a palavra “caneta” por duas vezes, no início de seu enunciado, quando se depara com uma dificuldade de seleção desse mesmo item lexical. Nas vezes em que selecionou a palavra pretendida, ele estava usando o discurso direto (grafado com #). A dificuldade ocorreu quando ele tentava retomar a narrativa no tempo passado. Esse dado é, para nós, muito relevante, na medida em que revela a relação entre a dificuldade de seleção e a complexidade da organização gramatical. A maior complexidade da estrutura do discurso indireto, no tempo passado, interferiu na seleção gramatical. A presença das pausas, repetições e auto-correções, portanto, é fundamental para que se possa detectar a natureza das dificuldades de CS, seja com relação à seleção lexical, seja na combinação dos elementos lexicais nas estruturas lógico-gramaticais dos enunciados.

Outro fator relevante para as análises dos enunciados de CS é o apoio que têm para ele os enunciados dos interlocutores não-afásicos, essenciais para a produção da sua narrativa, o que revela sua competência pragmática para lidar com sua afasia. À medida que os seus interlocutores vão dando os *acabamentos* (BAKHTIN, 1995)<sup>8</sup> aos seus enunciados, CS reorganiza os seus.

A discussão apresentada neste trabalho, relativa a apenas um dado do *corpus* que está sendo analisado, teve como objetivo ilustrar como as análises microgenéticas dos enunciados dos sujeitos podem contribuir para a compreensão das relações existentes entre as dificuldades dos sujeitos afásicos com o sistema da língua e a produção dos enunciados.

---

<sup>8</sup> Bakhtin (1995) explicita que o *acabamento* é, de certo modo, “a alternância dos sujeitos falantes vista do interior; essa alternância ocorre precisamente porque o locutor disse (ou escreveu) tudo o que queria dizer num preciso momento e em condições precisas” (p. 229). Portanto, o *acabamento* é dado pelo interlocutor.

O gênero narrativo, por sua natureza dialógica e por ser um dos mais presentes nos diferentes tipos de afasias, torna-se um locus privilegiado para essas análises e tem sido utilizado, também, no acompanhamento terapêutico, como método para propiciar a emergência da linguagem, por mais grave que seja o impacto das afasias na linguagem dos sujeitos.

Vale ressaltar, ainda, que é indispensável para o acompanhamento terapêutico com sujeitos afásicos a compreensão (por parte do profissional) não só das suas dificuldades com o sistema da língua (recursos fonético/fonológicos, lexicais, gramaticais), quanto a compreensão dos aspectos que focalizam a relação da língua com as condições de produção. A construção conjunta dos enunciados – que ocorre também fora do âmbito das patologias – transforma *falantes* e *ouvintes* em verdadeiros *parceiros da comunicação verbal* (cf. BAKHTIN, 1997 [1929]), o que se torna imprescindível para um acompanhamento terapêutico eficiente, que auxilie os sujeitos afásicos na reorganização de sua linguagem e para que alcancem seu *querer dizer*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. [1929]

\_\_\_\_\_. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 6. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral*, vol. 1. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Cia Ed. Nacional e Ed. USP, 1966.

CASTILHO, A. T. de. *A língua falada no ensino do português*. São Paulo: Editora Contexto, 1998.

COUDRY, M.I.H. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. São Paulo: Martins fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da neurolinguística. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 42, p. 99-129, 2002.

FRANCHI, C. Linguagem: atividade constitutiva. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 22, p. 9-39, 1992.

GERALDI, J. W. *Portos de Passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GÓES, M.C. R. de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cadernos Cedes, Relações de ensino: Análises na perspectiva histórico-cultural*, Campinas, n. 50, p. 9-25, 2000.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e duas formas de afasia. In: \_\_\_\_\_. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, p. 34-62, 1982.

\_\_\_\_\_. A afasia como um problema linguístico. In: LEMLE, M.; LEITE, Y. (Orgs.). *Novas Perspectivas linguísticas*. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1970. p. 43-54.

LURIA, A. R. *Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MORATO, E. M. (Org). *Sobre as afasias e os afásicos*. Campinas: UNICAMP, 2002.

NOVAES-PINTO, R.C. *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999.

NOVAES-PINTO, R.C.; SANTANA, A.P. A semiologia das afasias. In: MANCOPES, R.; SANTANA, A.P. (Orgs.). *Perspectivas na clínica das afasias: o sujeito e o discurso*. São Paulo, Editora Santos, p.18-40, 2009.

ORLANDI, E. Discurso: fato, dado, exterioridade. In: CASTRO, M. F. (Org.). *O Método e o Dado no Estudo da Linguagem*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 209-216, 1996 [1991].

PERRONI, M.C. *Desenvolvimento do Discurso Narrativo*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

SCARPA, E.M. Sobre o sujeito fluente. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, O seminário sobre aquisição de linguagem, Campinas, n. 29, p. 163-184, jul/dez, 1995.

VIGOTSKI, L.S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.